

Um Golem na Dinastia de Bragança: *O Último Suspiro do Mouro*, de Salman Rushdie

Golem in the Bragança Dynasty: *O último suspiro do mouro* by Salman Rushdie

Telma Borges*

Resumo: A lenda hebraica do Golem aparece num episódio do romance *O último suspiro do mouro*, do autor indiano Salman Rushdie e adquire novos contornos. Os romances pós-modernos usam e abusam das convenções das literaturas de elite e popular e dos recursos intertextuais. Esse tipo de recurso, comum nos romances de Rushdie, atua do sentido de abordar e de subverter a fragmentação dos discursos e reconhecer na metaficção historiográfica uma complexa rede discursiva de culturas: “oficial” e popular.

Palavras-chave: Golem. Pós-modernismo. Salman Rushdie.

Abstract: The Hebrew legend of the Golem appears in an episode of the novel *O último suspiro do mouro*, by Indian author Salman Rushdie and acquires new contours. The postmodern novels use and abuse of the conventions of elite and popular literature and intertextuais resources. This type of feature, common in Rushdie's novels, acts to address and to subvert the fragmentation of the speeches historiographic metafiction and recognize in a complex network of discourse: "official" cultures and popular.

Keywords: Golem. Postmodernism. Salman Rushdie.

A diáspora judaica do Oriente para o Ocidente estimula, segundo Lyslei Nascimento, além do refinamento da filosofia, da arte e da ciência, a criação de um *corpus* narrativo em que as diversas versões da criação do Golem constituem um libelo à liberdade e à resistência. Esse *corpus* espalhou-se por toda a Europa e, posteriormente, pela América, multiplicando narrativas que chegam em versões fragmentárias até a contemporaneidade. A cada versão, a lenda adquire, segundo a autora, novas acepções e significados, de acordo com seus narradores ou compiladores. Logo, transforma-se em literatura, ecoa no imaginário universal, incorporando e gerando outras fantasias que se concretizam no mundo dos homens. (NASCIMENTO, 2004, p. 11)

O rabi Loew ben Bezalel (1513-1609) cria um boneco para proteger os judeus da cidade de Praga dos ataques antijudaicos. É um gigante feito de barro, a quem, por fórmulas cabalísticas, dá a vida. Sobre sua testa escreve *'emet*, verdade. Ao perder o controle sobre as ações de sua criatura, que vinha causando sérios incidentes na comunidade e nos arredores, o rabi tira-lhe a vida; ao apagar a marca do som aspirado da letra Aleph, resta a palavra *met*, morto. Eis o domínio do criador sobre a criatura.

A lenda hebraica reverbera num episódio do romance *O último suspiro do mouro*, do autor indiano Salman Rushdie e adquire novos contornos. O relato é a história de um narrador-personagem – Moraes Zogoiby – que, à beira da morte, se vê obrigado a escrever a história da apimentada genealogia de sua família. Como Scherazade, que conta histórias ao sultão para adiar a morte, a escrita funciona para Moraes como um antídoto que satisfaz os anseios de seu algoz Vasco Miranda. Na medida em que o relato genealógico se desenvolve, o leitor é levado a entender que o desejo do narrador-personagem é desatar os intrincados nós de sua genealogia: indiano, filho de Abraham Zogoiby e de Aurora da Gama – ele, descendente bastardo de judeus e de muçulmanos; ela, cristã, descendente bastarda de Vasco da Gama. Essa rede de bastardos remete à Península ibérica – Espanha e Portugal – de onde saíram em 1492 judeus e muçulmanos expulsos pelos reis católicos Fernando e Isabel e, em 1497, Vasco da Gama e sua frota rumo à Índia. No seu longo relato, o narrador percorre cerca de 500 anos de história para, no momento agônico da morte, explicitar que, a despeito de seu desejo de contar as versões oficiais de sua história, muitos relatos extra-oficiais fustigavam seu intento.

Como Abraham não consegue libertar o filho da dívida contratual adquirida com sua mãe, decide criar um filho para si, o qual colocaria à frente dos negócios. O filho legítimo, precocemente envelhecido, com a mão mutilada e asmático, era a expressão constante do seu eterno penhor com a mãe judia. Assim, pouco antes do aparecimento do irmão postiço, o Mouro se prepara para sair da vida paterna:

Não me restava mais muito tempo de vida. Essa verdade evidente se revelava a mim por trás de minhas pálpebras, escrita com letras de fogo, sempre que eu adormecia; e era a primeira coisa que me vinha à mente ao despertar. Hoje você conseguiu. E amanhã, será que você ainda estará aqui? (RUSHDIE, 1996, p. 356)

Como uma princesa Khazar¹ que, à noite, usava em cada uma das pálpebras as letras do alfabeto proibido do seu povo, o Mouro tenta se proteger com as letras de fogo. Mas é à hora do sono que o ser humano se torna mais vulnerável. As letras funcionam como um amuleto, mas não para o Mouro, cujo destino se prende a um penhor que antecede seu nascimento.

O aparecimento de Adam Bragança é uma forma de Abraham compensar sua impotência diante do destino que escolhera para o filho. Porém, ao contrário do que pensa, ele definitivamente põe a vulnerabilidade do primogênito à prova. É como se as letras inscritas em suas pálpebras perdessem o efeito. Como o talento do jovem Bragança fosse importante para os negócios de Abraham, este o adota e o apresenta à elite de Bombaim, na festa de noivado do filho mais velho:

Depois de meus problemas de saúde, ficou claro que Abraham estava começando a procurar apoio junto a outros – em particular, a Adam Bragança, um precoce jovem de dezoito anos com orelhas do tamanho das do Dumbo ou das antenas parabólicas da TV Star, o qual estava subindo tão depressa os escalões da GAP S. A. que não sei como ele não morreu de descompressão. (RUSHDIE, 1996, p. 357)

O novo filho atesta a derrota do legítimo, entregue em sacrifício antes de nascer, e a suposta vitória de Abraham sobre os desígnios religiosos e genéticos. Ocorre, então, uma inversão do relato bíblico, no qual Abraão entrega seu filho em sacrifício, mas que é salvo em razão de sua cega obediência a Deus e substituído por um cordeiro. Abraham oferece à mãe uma fortuna para que ela revogue o contrato. Como ela se recusa, a dívida permanece invisível, vindo a se materializar quando do nascimento de Moraes. A descrença de Abraham e seu poder não foram suficientes para livrar o filho de tal sacrifício, que acaba por se metaforizar num cordeiro continuamente imolado.

É no filho adotivo que ele deposita suas esperanças, e o faz – imitando o criador – à sua imagem e semelhança: vaidoso, ambicioso, inteligente, entretanto jovem demais para lidar com tanto poder. Na narrativa bíblica, Abraão tem um filho com sua escrava Agar, por sugestão de Sara, que se acreditava incapaz de ter filhos. Tempos depois, Sara é agraciada por Deus e dá à luz Isaac. Com receio de que Ismael viesse tomar o lugar de seu filho, solicita de Abraão que mande Ismael e sua mãe partir. Banido da tradição abrahâmica, Ismael vai para o deserto e dá origem a uma nova linhagem, da qual Maomé se diz descendente. Abraham inverte o relato bíblico ao oferecer o lugar do filho supostamente legítimo ao adotivo, uma criatura moldada à medida de seus interesses. Contudo, estrategicamente, prepara uma aliança matrimonial entre Nadia Wadia – ex-miss universo – e seu primogênito, relação que se configura num engodo e pretexto para que o patriarca tente triunfar sobre seus próprios erros:

‘Moraes, filho único do meu corpo, e Nadia, a mais linda das futuras noras’, disse ele, com sua voz de gralha velha, ‘quero manifestar a esperança de que

em breve vocês venham a dar a esta família tão reduzida alguns novos membros. Nesse ínterim, porém, quero apresentar a todos um novo membro.'

Muita perplexidade e expectativa. Abraham ri e fez que sim com a cabeça. 'Sim, meu mouro. Finalmente você terá um irmão menor.' Nesse instante, com efeito teatral, abriram-se as cortinas vermelhas, detrás da pequena plataforma. Adam Bragança – aquele garoto orelhudo! – deu um passo à frente. Entre as muitas pessoas que não contiveram uma interjeição de espanto estavam Fadia Wadia, Nadia Wadia e eu. Abraham beijou-o nas duas faces e nos lábios. 'A partir de agora', disse ele ao rapaz diante da elite da cidade reunida, 'você passa a chamar-se Adam Zogoiby – meu filho querido.' (RUSHDIE, 1996, p. 354-365)

A lenda do Golem tem inúmeras versões; nela, é sempre por um ritual que a criatura de barro ganha vida. Ironicamente, o filho caçula de Abraham é uma espécie de Golem, em quem insufla vida nova, nome e deposita o futuro de seu império. O ambiente festivo do noivado de Moraes é palco no qual esse ritual se encena, testemunhado por uma platéia de elite, que o legitima. O beijo, a um só tempo, sela o novo pacto de identidade, bem como remete ao beijo de Judas em Cristo. De modo reverso, é o beijo de Abraham que preconiza sua própria ruína. Portanto, o sentido místico desse ritual de iniciação comporta uma ambivalência significativa. Assim como diz Nascimento a respeito de Jorge Luis Borges, pode-se dizer de Rushdie que, ao inscrever o beijo na lenda judaica, acessa o arquivo universal e gera uma série de remissões a narrativas diversas.² O beijo é um nó através do qual uma infinita rede de sentidos é entretecida e se espraia de acordo com o repertório de cada leitor. O nome da personagem – Adam Bragança – é outro aspecto relevante que remete ao arquivo, tanto da cultura bíblica, quanto portuguesa.

Adam (Adão), de *adamá*; em hebraico significa "terra", "chão", e Golem, nessa mesma língua, significa "massa ainda disforme", "barro". (CORNELSEN; In: NASCIMENTO, 2004, p. 40) Guardadas as devidas proporções, a maior distância entre tais criaturas tem a ver com seus criadores, sendo a primeira moldada pelas mãos divinas e a segunda pelas mãos de um rabi, que tenta imitar Deus. O *Golem* de Abraham nasce a partir de um recurso mais sutil: a mudança do sobrenome – de Bragança para Zogoiby. E aqui, mais uma vez, há, por parte de Rushdie, uma manipulação inventiva dos arquivos da cultura portuguesa.

A dinastia de Bragança, após os sessenta anos em que Portugal se mantém sob o poder espanhol, reassume as rédeas do poder. Segundo Oliveira Martins, "Portugal tornou-se baluarte da Companhia [de Jesus], e a dinastia de Bragança, obra dela, foi o seu melhor pupilo." (MARTINS, 1973, p. 382.) À força de tal manipulação, o poder real nada mais era do que "uma sombra, um fantasma sem fisionomia, sem carácter, passivo e obediente, nulo, e beato."³ (MARTINS, 1973, p. 392.) Na verdade, essa nova dinastia é forjada para que Portugal se mantenha enquanto nação e se liberte da tutela dos felipes. Todavia, também marcada pela bastardia⁴ e pelos excessos e vaidades da fé, essa dinastia, se comparada com a casa de Avis, é ainda, no dizer de Oliveira Martins, "sem amor pelo povo, sem ódios, sem coragem, egoísta e diletante, era mais do que um belo instrumento: era um tipo." (MARTINS, 1973, p. 392) Ainda que herdeiros de D. João I e Nun'Álvares, e patrocinados pelos jesuítas, parece que a mão divina não abençoou nem legitimou o poder conferido aos Bragança. Oliveira Martins afirma que, "desnaturados e desnacionalizados, os portugueses eram, nas mãos da Companhia uma excelente matéria-prima, um barro de qualidade rara, para se moldar a todas as formas que aos oleiros do Senhor aprouvesse dar-lhes." (MARTINS, 1973, p. 381)

Ainda que manipulada com barro de qualidade rara, a dinastia de Bragança resulta numa tradição decadente, com reis beatos e ineptos, (MARTINS, 1973, p. 426) como D. João IV; perdulários, como D. João V, e mentecaptos, como Afonso VI e D. Maria I. (MARTINS, 1973, p. 493.) O povo, por sua vez, fiel ao rei encantado e transformado em lenda (D. Sebastião), mantinha-se indiferente à política, à crise

dinástica e às reformas. Sendo assim, entra em cena o Marquês de Pombal, primeiro-ministro do rei D. José I, que muda a face do país, principalmente depois do terremoto de 1755, que “arrasou a cidade com todos os seus moradores e os seus arrabaldes, e todo o viço das terras”. (MARTINS, 1973, p. 458) Durante sua administração, os “oleiros do Senhor” são expulsos da pátria. Na visão de Martins, “o Portugal de D. José era um falso Portugal de importação, nas ideias, nas instituições e nos homens.” (MARTINS, 1973, p. 488) Como um organismo em decadência, nada seria capaz de reerguer o país; “para os edifícios, nada havia capaz de entrar na liga das argamassas, nem na elevação dos muros; a cal estava ardida por dois séculos de jesuitismo, as pedras estavam podres do tempo e da ação corrosiva dos vícios orientais”. (MARTINS, 1973, p. 488) Assim, ao suceder ao pai, D. Maria I faz ressurgir o que, para Martins, é o verdadeiro Portugal: “beato, soez, violento e ridículo.” (MARTINS, 1973, p. 488) Mesmo banidos, o poder dos jesuítas reverberava ainda no barro que haviam moldado.

Em *O último suspiro do mouro*, Adam é apresentado como um jovem com um passado folhetinesco:

ao que parece, era filho ilegítimo de uma menina de rua de Bombaim e um mágico itinerante de Shadipur, Uttar Pradesh, e fora informalmente adotado, durante algum tempo, por um homem de Bombaim que depois desapareceu, e provavelmente morreu, em circunstâncias misteriosas, pouco depois de passar pelas mãos de agentes do governo, que o teriam tratado com brutalidade, durante o período de emergência, entre 1974 e 1977. A partir daí, o garoto foi criado por duas senhoras idosas, cristãs goenses, que haviam ficado ricas com o sucesso de sua linha de condimentos, os picles Bragança, ele adotou o nome de Bragança em homenagem às senhoras e, quando elas morreram, assumiu o controle da fábrica. (RUSHDIE, 1996, p. 358)

Aqui, pode-se ver o autor a trabalhar, tecendo e entretecendo relatos de seu mar de histórias e fazendo-os atravessar e se emaranhar nos intrincados fios de sua narrativa. No memorável romance *Os filhos da meia-noite*, de Rushdie, Saleem Sinai narra para Padma a sua história e a de outros filhos da meia-noite, nascidos junto com a Índia independente e, posteriormente, dividida para formar o Paquistão. Saleem é um impostor na família de Amina Sinai, visto que Mary Pereira o trocou no hospital pelo filho de Vanita com Methwold, seu amante, e não com seu marido, Wee Willie Winkie. Ao trocar as etiquetas de nascimento, dá ao filho pobre e bastardo uma vida de privilégios e condena o rico à pobreza. Mesmo o crime de Mary sendo descoberto, todos acharam que não fazia grande diferença, afinal eram os dois filhos da meia-noite. Assim, o filho verdadeiro era uma coisa dissimulada e isso não tinha importância, pois em toda a Índia, como afirma o narrador, “nasciam crianças que só em parte eram descendentes dos pais: os filhos da meia-noite eram também os filhos do tempo: engendrados pela história, digamos. Acontece. Particularmente num país que é em si mesmo uma espécie de sonho”. (RUSHDIE, 1989, p. 113)

Mary, arrependida, mas incapaz de confessar seu crime, oferece a Amina seus préstimos como *ayah*. Dessa forma, torna-se numa espécie de criadora de Saleem e dedica o resto de seus dias a cuidar dele e a recordar o seu crime. Torna-se sua segunda mãe. No universo da pobreza, o filho bastardo do acordeonista Winkie – Shiva – estava destinado a crescer e a se transformar numa espécie de herói. (RUSHDIE, 1989, p. 113) Anos depois, ainda que Saleem o tivesse banido da Aliança dos Filhos da Meia-Noite, Shiva torna-se um homem público, militante nas questões políticas do país. Por outro lado, era também um grande sedutor. Onde quer que fosse, tinha mulheres que lhe caíam nos braços. E fez-lhes muitos filhos. Como afirma Saleem: “a prole das meias-noites ilegítimas. Bebês lindos em segurança nos berços dos ricos. Semeando bastardos por todo o mapa da Índia, o herói de guerra seguia sempre em frente [...]”. (RUSHDIE, 1989, p. 377)

Parvati, uma das filhas da meia-noite, é quem narra para Saleem as histórias de Shiva, de quem estava grávida. Como tivesse uma estranha falta de interesse por todas as mulheres que engravidava,

Shiva deu consigo a viver com uma moça grávida dos bairros pobres, que agora lhe parecia representar tudo o que ele mais receava: era a personificação dos bairros de lata onde passara a infância, donde tinha fugido e agora, por meio dela, por intermédio daquele maldito filho, vinha outra vez puxá-lo para baixo baixo baixo... Agarrando nela pelos cabelos, montou na motorizada e, num abrir e fechar de olhos, ela viu-se abandonada às portas do bairro dos mágicos, tendo apenas consigo uma coisa que não tinha levado: aquela coisa oculta dentro dela, como um homem invisível num cesto de verga, aquela coisa que ia crescendo crescendo crescendo exactamente como ela própria havia previsto. (RUSHDIE, 1989, p. 380)

Assim como as mulheres de *O último suspiro do mouro* estabelecem uma divisão em todos os espaços, a ação de Mary Pereira separou dois mundos que, por intermédio da gravidez de Parvati, viriam a se reencontrar. Para livrá-la dos insultos, por trazer no ventre um filho bastardo, e a si da mentira da impotência, os dois filhos da meia-noite – Saleem e Parvati – casam-se no mesmo dia das cerimônias do dia da República. Mais uma vez, as teias do destino de Shiva e Saleem se cruzam. Afinal, “ia nascer um filho que não era do verdadeiro pai, embora, por terrível ironia, fosse neto dos pais do pai; apanhado na teia das genealogias enredadas, interroguei-me sobre o fim, se ia iniciar-se uma nova contagem decrescente, o que iria nascer com o nascimento de meu filho”. (RUSHDIE, 1989, p. 382)

O nascimento de Aadam Sinai coincide com o momento em que se ouviu pela primeira vez a expressão estado de emergência. Saleem afirma: no dia 25 de junho de 1975, “algo chegava ao fim, algo nascia, e no preciso momento do nascimento da Nova Índia e do começo duma meia-noite que ia durar dois longos anos, o meu filho, o filho dum tiquetaque renovado, foi posto no mundo”. (RUSHDIE, 1989, p. 385) Ao contemplar o filho, o pai desata num sorriso histérico, pois, a despeito de a criança ser toda perfeita, tinha orelhas colossais, que por momentos julgou tratar-se da cabeça de um elefantezinho. Quando os dois ponteiros do relógio uniram as mãos, Aadam Sinai nasceu e, de acordo com seu pai,

graças à tirania dessa hora de trevas, ele ficou misteriosamente ligado à história e o seu destino indissolúvelmente unido ao do seu país. Nasceu sem ser profetizado, sem ser festejado. [...] Era filho de um pai que não era pai dele; mas filho também de uma época que dava à realidade tão maus tratos que nunca mais foi possível consertá-la; era verdadeiro bisneto de seu bisavô, mas a elefantíase atingiu-o nas orelhas e não no nariz, porque era também o filho verdadeiro de Shiva e Parvati; era Ganesh cabeça-de-elefante. (RUSHDIE, 1989, p. 386)

No inverno de 1975-76, o pequeno Aadam é acometido por uma tuberculose, doença cujo caráter metafórico está relacionado ao mal-estar que se abateu sobre o país com o estado de emergência. Assim, a cura de Aadam estava condicionada ao término dessa situação política do país. Como a tuberculose de Isabela Ximena de *O último suspiro do mouro*, a de Aadam Sinai reflete a prepotência das imposições totalizadoras, tanto do período colonial quanto do governo pós-independência na Índia. Assim, o “estado de emergência” privado daquela família tinha a ver com o estado de emergência imposto à nação.

Depois de ter passado pela prisão e de ter traído os filhos-da-meia-noite, Saleem se dedica a cuidar do filho. “Aadam fazia parte duma segunda geração mágica, muito mais resistente do que a primeira, e

que não iria procurar o seu destino nas profecias ou nas estrelas, mas que o forjaria na fogueira da sua vontade". (RUSHDIE, 1989, p. 411)

Olhando para um filho que era e não era seu, Saleem se pergunta se os bastardos de Shiva exerceriam tiranias semelhantes sobre os adultos desamparados; e, pela segunda vez, vê essa tribo de garotos terríveis e possantes, crescendo, esperando, ouvindo, e imagina o momento em que o mundo se tornará no brinquedo deles. (RUSHDIE, 1989, p. 411) É em *O último suspiro do Mouro* que essa performance de Aadam, como representante da segunda geração dos filhos da meia-noite, será contemplada.

Em Bombaim, com seu filho e com o companheiro Singh da Fotografia, Saleem tem um encontro inesperado com o passado. Numa cena proustiana, entre *samosas*, *pakorras*, arroz, *dal* e *puris* cobertos por um *chutney* verde como gafanhoto, Saleem recorda o dia em que saiu do hospital com nove dedos e foi para o exílio, na casa do tio Hanif Aziz. Lá, ele comeu o melhor de todos os *chutneys* preparados por Mary Pereira: "o gosto daquele *chutney* era mais do que o simples eco do *chutney* de antigamente... era de facto o mesmo, sem tirar nem pôr, tinha o poder de ressuscitar o passado como se ele não tivesse passado..." (RUSHDIE, 1989, p. 418) Desesperado por tão fortes lembranças, Saleem descobre que esse *chutney* era preparado pela empresa de conservas Bragança. Ao consultar o rótulo do produto, ele relata: "novamente abracadabra abre-te, Sésamo: os dizeres dum frasco de *chutney* abriam a última porta de minha vida... Empurrava-me a irresistível determinação de conhecer o fabricante do impossível *chutney* da memória [...]". (RUSHDIE, 1989, p. 418)

Ninguém menos que Mary Pereira tornara-se dona de uma fábrica de conservas, cujo sobrenome Bragança, também atribuído à empresa, havia roubado da rainha Catarina, a que deu Bombaim à Inglaterra, como dote de casamento.

Dessa digressão a *Os filhos da meia-noite* deduz-se que Aadam Sinai, depois Bragança, da segunda geração de bastardos filhos da-meia-noite, sai das páginas dessa narrativa para dar continuidade à sua trajetória meteórica em *O último suspiro do mouro*, como profetizado pelo pai bastardo.

Esse recurso intratextual estabelece uma relação genealógica entre os bastardos que povoam os romances de Rushdie. Enquanto nação independente, as estratégias políticas utilizadas pelos governantes indianos pareciam caminhar na direção de uma estrutura semelhante à do governo colonial. Nesse sentido, os filhos bastardos são aqueles que procuram sair da invisibilidade e evidenciar as incoerências de um regime político ainda baseado nos valores ideológicos supostamente prescritos com a independência. Aadam, quando assume o sobrenome Bragança, contudo, busca a legitimação, e isso é reiterado quando passa a assinar o sobrenome da família Zogoiby. O filho bastardo de Shiva e de Parvati, com orelhas de elefante, como diz seu pai Saleem, também um bastardo, é cooptado pelo poder.

Pisarão o meu filho que não é meu filho e o dele que não é filho dele até a milésima primeira geração, até que as mil e uma meia-noites libertem os seus dons terríveis e morram os mil e um filhos, porque é privilégio e maldição dos filhos da meia-noite serem a um só tempo senhores e vítimas da sua época, abandonarem a intimidade e serem completamente sugados pelo turbilhão esmagador das multidões e não poderem viver e morrer em paz. (RUSHDIE, 1989, p. 424)

A bastardia e a ilegitimidade são conceitos recorrentes no romance e, por meio deles, percebe-se o processo de expansão significativa que a narrativa pode alcançar. A essas noções vem se juntar a de adoção, modo pelo qual Adam se apresenta como um Bragança. Assim como a dinastia portuguesa, a trajetória do jovem é um tanto quanto conturbada. Mas, em seu favor, há uma rápida ascensão, dada sua inteligência e perspicácia. Contudo, se forem frutos do mesmo barro, sua vertiginosa queda parece

configurar-se numa alegoria contemporânea do que viveu Portugal enquanto esteve sob o poder dos Bragança, bem como numa alegoria do que é a obsessão pelo poder.

De origem incerta, Adam é “adotado” por uma família que tem como referencial apenas a figura paterna: Saleem Sinai e Singh da Fotografia. Posteriormente é adotado por duas mulheres cristãs que certamente tentam modelar no garoto uma identidade religiosa. O novo referencial familiar – cristão, empreendedor e com sobrenome português – é como uma seta a apontar para o “pai Portugal”. São duas mães e um pai onipotente. De acordo com Anthony Giddens, numa família “de adoção”, para além dos possíveis problemas psicológicos a serem administrados, existe a oportunidade de novos tipos de relações altamente recompensantes. “Essas novas formas de laços familiares devem ser desenvolvidas pelas próprias pessoas que se encontram mais diretamente aprisionadas nelas”. (GIDDENS, 2002, p. 19) Assim é que, ao vender a fábrica de pickles para GAP S.A. – Granaspensas, Adam se permite uma nova performance identitária e, no molde de um Bragança, forja-se um Zogoiby. Contudo, se, como afirma Giddens, “a auto-identidade [...] não é algo simplesmente apresentado como resultado das continuidades do sistema de ação do indivíduo, mas algo que deve ser criado e sustentado rotineiramente nas atividades reflexivas do indivíduo”, a queda desse Adão explicita sua incapacidade de manter em andamento sua narrativa particular. (GIDDENS, 2002, p. 54) Seu erro de cálculo foi não ter noção de para onde ia e nem como, de adoção em adoção, estava se transformando. E aqui outra problemática se explicita: a questão do nome.

Como Bragança, uma representação identitária se esboça, mas não é por assumir o sobrenome Zogoiby que as anteriores desaparecem. Ocorre que, como em camadas, um nome ao outro se sobrepõe, assim como as histórias de que eles fazem parte. Quando Adam assume a vice-presidência da empresa e é encarregado das inovações técnicas da administração, Abraham confessa ao filho sua admiração pelo “menino recém-desmamado com cara de durão” (RUSHDIE, 1996, p. 359). Como houvesse “um novo Adão no Éden”, Moraes reconhece que “o futuro havia chegado e com ele uma nova geração, que estava interessada em tudo que era novo, e falava a língua estranha, binária, fria do futuro”; também reconhece em si “um homem que nascera depressa demais, errado, defeituoso, e que envelhecia depressa demais” (RUSHDIE, 1996, p. 360).

A versatilidade e a dinâmica de Adam revelam uma identidade que, ao invés de ser percebida como um “projeto reflexivo”, (GIDDENS, 2002, p. 37) é vista como um jogo no qual ele – perito em economia, administração, comunicação e informática – será sempre o vencedor.

Por não realizar uma reflexão acerca da sua nova condição e nem de como manter uma relação com seu passado, Adam protagoniza a queda do império Zogoiby. Como numa outra versão da lenda do Golem, a criatura desmorona sobre o criador.⁵ Assim como Aurora percebera em Uma Sarasvati, Moraes percebe no novo irmão algo que lhe causara uma sensação de *déjà vu*: “Ele se recusava a falar em seu passado, mudava constantemente, sempre tentando encantar e seduzir, e sempre segundo um cálculo frio”. (RUSHDIE, 1996, p. 370)

Na verdade, Adam Zogoiby,

antes conhecido como “Adão Bragança”, e antes disso conhecido como “Adam Sinai”. E antes? Se, como os admiráveis investigadores da imprensa descobriram e subseqüentemente nos disseram, seus pais verdadeiros se chamavam “Siva” e “Parvati”, e considerando que – perdoem-me a insistência – ele tinha mesmo orelhas muito grandes, posso sugerir “Ganesha”? Se bem que “Dumbo”, ou “Pateta”, ou “Bafo-de-onça” – ou talvez “Sabu” – se aplicariam melhor ao caso do detestável Menino Elefante. (RUSHDIE, 1996, p. 375)

Os romances pós-modernos usam e abusam das convenções das literaturas de elite e popular e dos recursos intertextuais. Assim, o narrador, em colaboração com a pena irônica do autor, confere a Adam uma compleição física ora baseada nas narrativas míticas e sagradas dos hindus, ora nos desenhos animados, ora no cinema. Esse tipo de recurso, comum nos romances de Rushdie, atua do sentido de abordar e de subverter a fragmentação dos discursos e reconhecer na metaficção historiográfica uma complexa rede discursiva de culturas: “oficial” e popular.

O escândalo por envolvimento em organizações terroristas, por roubo de um supercomputador no Japão, a quebra de bancos, formação de quadrilha, negociatas financeiras em escala gigantesca e lenocínio levaram Abraham ao tribunal, onde, aos noventa anos de idade, negou todas as acusações: “Perguntem a qualquer um, de Cochim a Bombaim, quem é Abraham Zogoiby. E a resposta será: é um senhor respeitável que negocia com pimenta e especiarias. Digo e repito do fundo do coração: é só isso que sou e que sempre fui. Toda minha vida fui comerciante de pimenta”. (RUSHDIE, 1996, p. 377) Diante de um império em queda livre, Abraham, estrategicamente, busca em Cochim a origem de seus negócios, quando a pimenta uniu as famílias Gama e Zogoiby.

Tal qual “na narrativa bíblica Adão transgredir a lei de Deus”, afirma Nascimento, “também na lenda do Golem – com a emulação do ato divino da criação – somos lembrados de que a criação pode escapar ao controle de seu criador”. Abraham, incapaz de controlar seu filho “legítimo”, também se sente impotente diante da nova criatura, que faz desmoronar todo o império Zogoiby. Na tentativa de ser como Deus, para manter o sobrenome quase perdido, toma consciência do infinito saber divino e da sua impossibilidade, como homem, de abarcar tudo. O texto de Rushdie, por mais que se configure como registro enciclopédico, ou como um *Golem*, também expressa a falência de tal intento. Por isso, “não interessa apenas inserir a lenda no contexto da narrativa pelo efeito da repetição, mas entretecer nela novos e inusitados elementos que são dissimulados, adulterados ou referenciados. O ato imperfeito da criação gera mais um símbolo”. (NASCIMENTO; NAZARIO, 2004, p. 33-35) A memória, por sua configuração transitória, impede que um saber seja fixado. A reverberação da lenda judaica na narrativa em estudo e sua associação com a dinastia de Bragança demonstram que o esquecimento é a evidência de que as produções da memória são percebidas pela imaginação. No vazio do esquecimento, um novo acontecimento é potencializado; dele nascem as diferenças que fazem as lendas circularem e serem de todos e de ninguém a um só tempo. De modo análogo, a construção identitária indiana é estruturada a partir dos inúmeros encontros culturais ocorridos em seu território.

* **Telma Borges** é Doutora em Literatura Comparada pela UFMG, professora e pesquisadora da Universidade Estadual de Montes Claros, Minas Gerais.

Notas

¹ Khazars, povo que ocupa um vasto território na Criméia, estratégica e perigosamente situado entre o império bizantino e o persa. Possivelmente, para evitar os riscos de ser apanhado no meio de um confronto bélico-religioso, o rei khazar Bulan e boa parte do seu povo converteram-se, em fins do século VIII, ao judaísmo. Conta a lenda que tal decisão foi tomada depois de um debate entre três delegados: um cristão, um muçulmano e um judeu, ou seja, um monge, um dervixe e um rabino. O Khagan ofereceu uma faca de sal a cada um, e a polêmica teve início. O ponto de vista dos três debatedores, o conflito entre eles, a partir do dogma das três religiões, e a conclusão da polêmica provocaram grande curiosidade. Suscitaram ainda julgamentos contraditórios sobre o acontecimento, suas conseqüências aos vencedores – judeus – e aos vencidos. Cf. SCLIAR, 1994, p. 79 e PÁVITCH, 1989, p. 13.

² NASCIMENTO; NAZARIO, 2004, p. 34.

³MARTINS, 1972, p. 392.

⁴A dinastia de Bragança tem origem no casamento de D. Afonso, filho bastardo de D. João I, da casa de Avis, com a filha de Nun'Álvares, religioso que luta, ao lado do Mestre de Avis, pelo trono. Cf. MARTINS, 1972.

⁵ Na novela *Isabella von Ägypten*, de Armin, um nobre planeja criar um golem e procura um sábio judeu da Polônia para fazê-lo. "O judeu o alertou que não gostaria de mexer com uma imagem dessas, e que em sua terra natal teria acontecido algum infortúnio em consequência disso: um primo tinha um golem que cuidava dos serviços domésticos, mas que cresceu tanto a ponto do primo não alcançar mais sua testa, a fim de apagar o 'e'; então ele ordenou que o golem lhe tirasse as botas, e enquanto o golem se curvou, ele, usando de astúcia, apagou o 'e' da testa da criatura, mas todo o peso da terra caiu sobre o primo, e o pobre foi esmagado". Cf. CORNELSEN, In: NASCIMENTO, 2004, p. 50-51.

Referências

RUSHDIE, Salman. *O último suspiro do mouro*. Trad. Paulo Henriques Britto. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

RUSHDIE, Salman. *Os filhos da meia-noite*. Trad. Manuel João Gomes. Lisboa: Dom Quixote, 1989.

BÍBLIA SAGRADA. São Paulo: Edições Paulinas, 1983.

GIDDENS, Anthony. *Modernidade e identidade*. Trad. Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2002.

MARTINS, Oliveira. *História de Portugal*. Lisboa: Guimarães Editores, 1973.

NASCIMENTO, Lyslei; NAZARIO, Luiz (Org.). *Os fazedores de Golems*. Belo Horizonte: Programa de Pós-Graduação em Letras: Estudos Literários da FALE/UFMG, 2004.

PÁVITCH, Milorad. *O dicionário Kazar: romance-enciclopédia em 1000.000 palavras*. Fragmento. São Paulo: Marco Zero, 1989. p. 10-29.

SCLIAR, Moacyr. *Judaísmo: dispersão e unidade*. São Paulo: Ática, 1994. (Coleção As religiões na história).